

Os sem-terra e os sem-teto

Agora já não são necessários dias sucessivos e chuvas para que ocorram deslizamentos de terra e desabamentos em Salvador. Bastam algumas horas de aguaceiros intensos para que sucedam novas tragédias. E que as precárias habitações que se penduram nas encostas da cidade formam um numeroso conjunto que, por certo, ultrapassa a ordem dos milhares. Foram elas em sua maioria construídas pelos próprios moradores, sem qualquer tipo de orientação ou conhecimento que lhes permitisse uma relativa segurança. Constituem, pois, perigosas armadilhas para quem as habita.

X
X X

A providência sensata de identificar áreas de risco de deslizamentos e aconselhar os que nelas residem a abandonar as casas, que duramente construíram, perde a eficiência quando se verifica a impossibilidade que têm essas pessoas de aceitar o conselho que lhes dão. Se foi difícil, um dia, erguê-las do chão, a dura realidade lhes mostra que não conseguirão erguer um novo barraco, seja lá onde for. Enfrentam, pois, uma situação dramática de escolha: ou ficam e se arriscam a morrer soterrados ou saem e irão ficar, praticamente, ao relento.

X
X X

Lembrando, então, o movimento dos sem-terra, que estimula invasões de terras improdutivas ou desocupadas, ficamos a imaginar ser sua situação bem parecida à vivida pelos sem-teto. Também são ou foram invasores, os moradores das encostas e terrenos periféricos das grandes cidades brasileiras. É que o processo de favelização pressupõe, invariavelmente, uma invasão prévia. E do mesmo modo que as invasões dos sem-terra geram repressão, por vezes, violenta, as ocorridas, ao longo do tempo, pelos sem-teto, nas cidades, quase sempre provocaram idêntica reação. Basta lembrar-nos do que ocorreu, ao final dos anos 40, no antigo Corta-Braço, opondo ocupantes e força policial disposta a desalojá-los do local, para revigorar a memória. Só que, àquele tempo, alguém de alta sensibilidade e vontade firme, o então governador Otávio Mangabeira, soube resolver, antes do pior, a situação, mediante a desapropriação da área pelo governo do estado e o estabelecimento legal dos invasores naquele lugar.

X
X X

Compreendemos, porém, que o tempo passa rápido e o número dos sem-teto se multiplicou, formando, hoje, verdadeira multidão. E não poderão, com certeza, os governos atuais agir como Otávio Mangabeira, desapropriando, uma atrás da outra, áreas invadidas. Ter-se-á de atuar de modo preventivo, para evitar invasões previsíveis, valendo-se da utilização, o mais possível, de terrenos pertencentes à União, aos estados e municípios, para a construção sistemática de conjuntos habitacionais, sem que tal medida somente seja tomada em caráter de emergência, o que, quase sempre, inviabiliza a decisão de bem executá-la.

Por não serem organizados e temerem, pela proximidade em que se encontram das forças policiais legalmente encarregadas de repeli-los, não tentam mais os sem-teto grandes invasões nas cidades, a última delas tendo sido, talvez, a das Malvinas, ao longo da Paralela, felizmente resolvida sem choques violentos e perda de vidas humanas, por interferência do Estado.

Em face ao temor da repressão que poderão provocar e à real impossibilidade de resistirem a tal ação, a maior parte dos invasores urbanos trata de ocupar áreas sem maior valorização, de propriedade quase sempre sem exata definição legal — as encostas. É que numa cidade como Salvador, onde, por tradição, somente os altos das colinas eram ocupados e, apenas nos últimos anos, os vales que as separam, passaram, também, a sê-los, tais encostas, situadas entre os altos e os vales, raramente objeto de transações imobiliárias, ficando, desse modo, ao alcance e à disposição de invasores que imaginam, com razão, que dali dificilmente irão tirá-los, por serem aquelas áreas desvalorizadas e de difícil acesso, pelo caráter violento dos seus declives.

X
X X

Se, contudo, os homens poderosos de lá não os expulsam, delas são os invasores afugentados pelas chuvas que ameaçam não só suas moradas como as próprias vidas. E, diante do conselho que recebem de delas afastar-se em razão de tais riscos, refletem sobre a dificuldade que terão de encontrar encostas ainda desocupadas, para que nelas recomecem tudo outra vez. É que não há mais espaços vazios na cidade, mesmo nos pontos mais íngremes da descida das colinas. E, por não terem para onde ir, permanecem no local convivendo com o perigo de destruição de suas casas e da perda de suas vidas, resignados com esta triste situação.

X
X X

Pensamos ser este o tempo de nossas autoridades prestarem maior atenção ao problema, encarando-o de modo diferente do que vem sendo feito. Não será, apenas, com operações visando minorar os efeitos danosos das chuvas sobre as habitações localizadas nas encostas, que se lhe dará solução. Nem advertindo seus moradores sobre o risco que correm e recomendando-lhes a saída do local, sem lhes indicar para onde deverão ir. Tampouco, alojando, do modo mais humilhante e precário, os atingidos por desabamentos, em escolas e instituições públicas, se irá garantir a esses infelizes condições para que obtenham moradias definitivas. Será com projetos ousados na idéia e prestos em sua execução, que o problema dos sem-teto começará a ser solucionado, contando-se, para isso, com os terrenos públicos disponíveis ou com sua recuperação das mãos de outro tipo de invasores — os "colarinhos brancos" —, que poderá ser tentada uma nova tomada de posição com conseqüências que poderão evitar mortes que se tornarão, com certeza, sem ela, cada vez mais numerosas a cada época de chuvas em Salvador.

PMS	CPM	3-11-11
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	21.05.96	
Cardeno	1	Página 6
Seção		
Assunto	Habitação	